

INFÂNCIAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS ENTRELACADOS NO ÂMBITO ESCOLAR

RESUMO

Este trabalho busca compreender a constituição da infância e dos cenários que ela ocupa, bem como o estudo de questões culturais responsáveis pela formação de sujeitos no ambiente escolar. Para tanto, parte-se das reflexões feitas em sala de aula através de plenárias e estudos desenvolvidos sobre os referenciais teóricos do componente curricular da História da Infância, Cultura e Currículo. Para tanto buscou-se aperfeiçoamento teórico dos autores ARIÉS (1975 e 1981), BRASIL (1998), DORNELLES (2008), FREIRE (1982), GARDNER (1994), JOBIM e SOUZA (1995), KETZER (2003), LARROSA (2010), POSTMAN (1999), STEINBERG e KINCHOLLOE (2004), VITÓRIA (2003) que são convidados a discutir as questões referentes ao assunto. Com uma abordagem qualitativa, este estudo busca muito mais do que esclarecer; questionar, pensar e realmente refletir sobre verdades e saberes. Direciona os olhares para aquilo que está constituído a par dos nossos olhos posto e que ignoramos ver, assim buscando a compreensão da constituição do ser infante a partir das suas relações sociais e educacionais.

Palavras - chave: Infâncias, Culturas, Escolas.

ABSTRACT

This work seeks to understand the constitution of childhood and the scenarios it occupies, and the study of cultural issues responsible for the formation of subjects in the school environment. Therefore, we start our reflections in the classroom through plenary and studies developed on the theoretical component of the curriculum of the History of Childhood, Culture and Curriculum. Therefore we sought to improve the theoretical authors ARIÉS (1975 e 1981), BRASIL (1998), DORNELLES (2008), FREIRE (1982), GARDNER (1994), JOBIM e SOUZA (1995), KETZER (2003), LARROSA (2010), POSTMAN (1999), STEINBERG e KINCHOLLOE (2004), VITÓRIA (2003) who are invited to discuss issues related to the subject. With a qualitative approach, this study seeks much more than clarify, question, think and really reflect on truths and knowledges, directs the eyes to what is made aware of our eyes and we ignore post to see, so seeking the understanding of the constitution be the infant from its social and educational.

Keywords: Childhoods, Cultures, Schools.

Pâmela Luana Lipke
Acadêmica do 5º período de Licenciatura Plena em Pedagogia,
SETREM – (pamela_lipke@hotmail.com).

Priscila Gadea Lorenz
Mestre em Desenvolvimento, Professora da Faculdade Três de
Maio, SETREM – (priscilalorenz@gmail).

INTRODUÇÃO

O Componente Curricular História da Infância, Cultura e Currículo, oferecido pelo curso de Pedagogia da Faculdade de Três de Maio – SETREM possibilita aos acadêmicos/as a oportunidade de ampliar seus conhecimentos em momentos de aprendizado, a partir de maneiras dinâmicas através de discussões, plenárias, júris, exposição dialogada, releituras, vídeos ou seja, metodologias diferenciadas para a formação acadêmica. Com o objetivo de refletir questões referentes a evolução da concepção de infância ao longo dos anos, percebendo como vem sendo entendida atualmente, contextualizando aspectos culturais, sociais e políticos que circulam em torno do “ser criança” e do “viver a infância” na sociedade contemporânea.

Assim buscou-se a compreensão ampla e consistente de onde ocorre o entrelaçamento entre infâncias e culturas. Dessa forma levanta-se uma questão muito pertinente: como compreender a infância ou as infâncias, a sua constituição e as suas representações culturais em nosso cenário atual, de modo que seja possível a interação e a produção de saberes no espaço-tempo escolar contemporâneo?

O ESPAÇO DE SER CRIANÇA

A infância foi por muitos séculos foi caracterizada por ser uma fase da vida pouca valorizada, passando-se por despercebida. Sabe-se que antigamente o sentimento de infância era inexistente, baseada no abandono, pobreza, favor e caridade, não existia particularidade da consciência sobre o universo infantil. Já a partir do século XIX e XX, a infância começa ser pensada e refletida, pois comprovou-se que todas as ações, acontecimentos tinham influências diretas na vida adulta (ARIÈS, 1981).

Você já parou para pensar onde se encontra a infância nos dias de hoje? Que a infância real se encontra hoje em lugares fechados, seja em creches, casas, grandes edifícios, onde o espaço físico tenta demonstrar felicidade, aconchego, mas que na verdade são lugares que aprisionam a infância, ou seja, muitas vezes lugares apenas adaptados as necessidades básicas da criança. Analisando o espaço físico e fazendo uma ligação com o espaço de ser criança, o que é possível perceber? Por muitas vezes a estrutura física da sociedade é excludente? Ao observar o espaço que nossas crianças têm para brincar, chega-se à conclusão que nesta sociedade pode não existir crianças apenas “adultos em miniatura”. Sendo este um conceito de Ariès (1975), concordo com ele quando distingue historicamente em sua obra dois sentimentos da infância.

O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes (Ariès, p. 163, 1975).

Segundo o autor o primeiro sentimento traz a ideia de uma infância curta, da precocidade da passagem para a idade adulta, como apenas mais uma etapa a ser vivida sem significado em si própria. Já o segundo sentimento apresenta a tomada de consciência pelos adultos, da importância dos cuidados nessa primeira infância preservando a inocência e transformando a fraqueza em força. Mesmo com o decorrer dos anos, estes sentimentos persistem e fazem por muitas vezes parte das concepções de infância. As ideias podem mudar, mas estes sentimentos permanecem perfazendo ambientes e muitas vezes até práticas pedagógicas. É justamente com o “desaparecimento da ideia de infância” (Postman, 1999, p. 121) e a permanência ora de um sentimento de “paparicação”, ora de um sentimento “moral e disciplinador” que nossa sociedade depara-se.

Ao falar da infância se torna impossível não falar de suas representações culturais e este é o medo que me cerca, de não conseguir compreendê-las e partir para o regime totalitário tão adotado atualmente em que os olhos que as vêem já enxergam um futuro elaborado e maquinado. Quem sabe nesses momentos voltamos ao que Larrosa (2010) nos diz sobre a contraimagem do totalitarismo, a inversão do olhar.

[...] o rosto daqueles que são capazes de sentir sobre si mesmos o olhar enigmático de uma criança, de perceber o que, nesse olhar, existe de inquietante para todas suas certezas e seguranças e, apesar disso, são capazes de permanecer atentos a esse olhar e de se sentirem responsáveis diante de sua ordem: deve abrir, para mim um espaço no mundo, de forma que eu possa encontrar um lugar e elevar a minha voz. (LARROSA, 2010, p. 192)

Ter um olhar atento, perceber os detalhes e a partir disto, seguir a ordem simples, que este olhar, nos pede, abrir espaço. O que podemos entender então é que a criança não quer o meu espaço que já foi construído e elaborado por mim, ela precisa de um espaço dela, onde ela possa elaborar o seu modo de ser e dessa forma elevar a sua voz e mostrar que cada ser é único, que as histórias não se repetem. Entretanto o que é mais notável é a massificação de tudo, entramos na linha de produção e de lá só podemos sair padronizado, para tanto dispositivos de persuasão são utilizados todos os dias, começando na infância.

Desse modo, as revistas infantis, a televisão, o cinema, a indústria eletrônica como produções voltadas especificamente para o segmento infantil, ao fabricarem novos consumidores através de seus discursos, perfazem também determinados modos de se ser sujeito infantil. (DORNELLES, 2008, p. 96)

Ou seja, a criança esta sendo afetada desde muito cedo por culturas que influenciam diretamente uma

condição de consumista, pois a partir da padronização e desse medo que temos desse ser infante que pode pensar diferente, agir diferente e se formar de uma maneira que desconhecemos, acabamos induzindo esses a agir e pensar de acordo com a sociedade, de acordo com o modelo pré-estabelecido de infância, tendo tudo para satisfazer muitas vezes as necessidades amorosas, que se tratam de sentimentos, e que por esse mundo capitalista acaba sendo deixado de lado o verdadeiro significado da infância. “O Homem cada vez mais se afasta de suas necessidades essenciais em troca de necessidades fabricadas pela sociedade de consumo” (JOBIM E SOUZA, 1995, p.119).

Trazemos tão presentes nossos próprios conceitos que somos por vezes impedidos de ver nas infâncias o novo, o imprevisível, os olhos que demonstram-se cheios de vida. Fica evidente como afirma Larrosa que “(...) uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios” (2010, p.187), por isso ficamos tão perturbados com este enigma, e elencamos pessoas para investigar, descobrir tudo sobre este outro que aparece entre nós, ao mesmo tempo que criamos dispositivos para moldá-los segundo as representações até então estabelecidas socialmente.

Por meio de estudos tentamos desvendar quem é a criança, como ela aprende. Geralmente, temos um conceito do que é ser criança a partir de nossas próprias experiências de infância, queremos por muitas vezes que as crianças hoje tenham as mesmas oportunidades que tivemos em nosso tempo de criança. Somos apenas reprodutores que insistem em guardar tradições do que é de criança e do que não é. No entanto, quando realmente paramos para refletir sobre a criança, é necessário entender que a criança é um ser humano e, portanto é um ser histórico e social que marca seu tempo, ao mesmo tempo que é marcado por ele.

Segundo o RCNs (1998, p. 21) “As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio.” Logo considerá-las adultos em miniatura (ÀRIES, 1975) ou cópias de nossa infância passada é desconsiderar essa fase da vida e sua singularidade presente e dinâmica em cada cenário. Desse modo torna-se importante notar que as concepções de criança foram e são historicamente constituídas, não existindo infância, mas infâncias que se desenvolvem em diversas culturas, espaços e tempos, assim torna-se impossível retratar infâncias sem ter representações culturais que as façam ter sentido.

INFÂNCIAS E CULTURAS CONSTITUINDO O ÂMBITO ESCOLAR

Compartilho do mesmo pensar de Steinberg e Kincheloe (2004, p.12) sobre a infância como “uma criação da sociedade sujeita a mudar sempre que surgem transformações sociais mais amplas”. Logo, a cultura torna-se um fator extremamente relevante, pois a entendemos como “uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significados individual e coletivamente no conjunto de atores sociais de seu tempo” (KETZER, 2003, p. 12).

Assim as crianças são afetadas pela produção cultural, que objetiva formatá-las, inventá-las, representá-las, por vezes como um ideal e outras como a criança do passado, dificilmente valorizando seu presente e concedendo a ela liberdade de criação. Pois como evidencia Ketzner (2003, p. 15) “as marcas vão além da exposição aos bens culturais, situam-se no controle e na manipulação das emoções.” Com isso não afirmo que a produção cultural é a vilã da história, pois não necessitamos dessa visão dualista que tanto já fez parte de nossos discursos, o que entendo é a importância da análise da indústria cultural, das imagens, das representações impostas a nós.

Ketzner diz que “cultura trata-se de uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significados individuais e coletivamente no conjunto de atores sociais de seu tempo.” Assim há de apagarmos de nossa mente que só é culto o indivíduo em que tem conhecimento sistematizado e validado pela academia, todo processo cultural é resultado de um modelo imposto pela sociedade, o qual vem ser resultado de um processo oriundo da infância histórico-cultural a onde as gerações mais velhas oferecem modelos culturais de socialização a serem imitados.

O principal condutor da constituição da cultura é a socialização, a partir dela a criança carrega consigo uma cultura, concebida na imersão das vivências experimentadas em sua comunidade cognitiva, que lhe fornece um mapa de navegação do qual fará uso ao longo da vida. (GARDNER, 1994, p. 91), já afirmava que “a criança carrega consigo, desde muito cedo, teorias valiosas, que são as teorias feitas em casas”. Vejo que hoje a sociedade mudou, está em um patamar muito mais diversificado que antigamente, pois a estruturação familiar e mercado de trabalho mudaram, conseqüentemente as crianças estão se socializando com diversas pessoas para sua constituição e se deparando com uma formação familiar diferente, não somente pai, mãe, irmãos, e sim uma vasta constituição familiar, que acaba resultando na constituição de uma criança singular, com formações sociais cada vez mais confrontadas com situações heterogêneas, onde vai se formando com diversas visões de mundo, onde não é mais somente a família que empoe os modelos e os normatiza, e sim a sociedade em geral.

Assim, as mudanças nas sociedades transformaram radicalmente os processos de socialização nos últimos anos, e as visões mais conservadoras vêm permanentemente questionando a constituição cultural das crianças resultando no fracasso escolar existentes, constituído através dessa grande e vasta socialização que as crianças estão tendo desde muito cedo não só com pessoas, mas com os meios de comunicação, a publicidade e principalmente o consumismo, resultando em um campo educacional excludente. Esse campo que é condutor e entrelaçador de infâncias e culturas é a escola, e essa tem o papel fundamental de analisar as crianças, tirando as crianças da condição objeto e vendo elas como agentes de suas próprias ações.

Compreendo a escola, portanto como intermediadora de culturas e como tal trabalha no sentido de proporcionar o espaço-tempo de interação da criança com os outros e com o ambiente em que se encontra, deve-se repensar constantemente sua relação numa cadeia em que pesa sobremaneira sua função não apenas como produtora de cultura, mas sobretudo como intermediadora de culturas. Assim compreender como vivem e pensam as

crianças, entender seus modos de ver, de sentir e de agir, e escutar seus gostos ou preferências é uma das formas de poder compreendê-las como grupo humano, assim sabendo agir como profissional da educação entendendo o contexto infantil, entendendo o que se passa nas simples brincadeiras e jogos, assim como afirma Vitória (2003):

É nesse ato de representar a vida cotidiana por meio do brinquedo, que a criança expressa seus entendimentos do universo adulto, exteriorizando-os de forma natural, espontânea e inequívoca, mas, também desvelando a cultura de uma época, os valores que a sustentam os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem. (VITÓRIA, 2003, p.32)

Intervindo-se de uma maneira que possa gerar um resultado positivo na constituição da identidade infantil de forma que não se constitua essa exclusão cultural, onde esse status social vivido hoje não seja o grande obstáculo como está sendo visto para se ter qualidade na educação. E que realmente esse lugar de entrelaçamento foque na educação, e que se tenha um olhar social diferente de inclusão e igualdade social, proporcionando momentos em que o diálogo, a interação e a comunicação entre as culturas tenham voz e vez, criando um espaço intercultural na escola, como Freire já dizia “infantes não constituem tábulas rasas ou recipientes vazios (FREIRE, 1982, p. 47).

Que não se tenha na escola uma visão assistencialista de pena da infância, porque se é nesse lugar que ela esta acontecendo é nesse âmbito que ela deverá se desenvolver de forma integral. Que a dimensão do cuidar esteja vinculada com a do educar, sendo esta uma busca constante dos profissionais da educação deixando a infância se desenvolver sem nenhuma padronização, onde haja um questionar constante, onde a nossa maior tarefa como afirma Larrosa (2010, p.153) “consista em educar um ser que não se deixe enganar” nem mesmo pelo o que está velado em nossas instituições. A continuidade da existência da escola somente será viável se ela conseguir incorporar a ideia de ser um espaço de aceitação e afirmação das diferenças, mas ao mesmo tempo de criação de novas formas de convívio comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Devemos pensar em minha opinião em uma proposta diferente onde ao invés das crianças deverem receber todos os ensinamentos transmitidos por um adulto, ser eles os autores de suas culturas, pensando assim em uma pedagogia de escuta, onde trata o conhecimento como sendo uma construção, que tem uma perspectiva provisória, e não como a transmissão de um corpo de saber verdadeiro que uniformiza o outro. Se acreditarmos que as crianças possuem as suas próprias teorias, interpretações e questionamentos, que são protagonistas do seu processo de socialização nos espaços culturais em que vivem e que constroem culturas e conhecimentos, poderão se tornar seres mais críticos, autônomos e com uma singularidade única.

O desafio dos pais e professores hoje é não se submeter às regras de um jogo predefinido nos estereótipos de modelos cristalizados de ser e de agir. É criar novas propostas educativas para que as infâncias tenham possibilidades de experimentar e recriar expressões mais livres e diversificadas no campo cultural coletiva e subjetivamente, engajados todas com uma política educativa comprometida com a ética e estética na vontade do sujeito infantil inserido nos espaços alternativos de pluralidade das produções culturais e orientados nas experiências humanas.

Assim os verbos mais importantes no âmbito escolar não serão mais 'falar', 'explicar' ou 'transmitir', mas “ouvir”, “compreender”, “divergir”, “dialogar”, “traduzir”, “formular novos conhecimentos”, mas sim observar e dar voz e vez aos infantes. Escutar significa estar aberto aos outros, compreender e construir um diálogo, acolher as diferenças e propor unidades flexíveis, assim podendo mudar essa realidade social e escolar tão excludente e culturalmente singular. Devemos ressaltar a necessidade de pensarmos mais sobre a infância, sobre os espaços, tempos de ser criança em um tempo permanente de discussões, pois a serenidade de ser criança jamais poderá se perder, e é o papel da escola oportunizar momentos de desenvolvimento integral da criança, pois cada um é singular.

Portanto descrevemos por vezes uma infância inocente, cheia de brilho e graça e só realmente acordamos quando estas mesmas crianças dizem que estão sendo inventadas. Quem sabe este seja o momento de pensar nossas atitudes tanto sociais como educacionais, rever nossas certezas e deixar o novo surgir, o instável e o impossível acontecer, pois é justamente isto que um nascimento provoca. Sejamos também curiosos em descobrir a cada momento o que irá acontecer, sem previsão de futuro ou de produtos. E assim como Dornelles (2008, p. 102) “Olhar para estas infâncias, quem sabe, com os olhos cheios de vida que queremos para todas as crianças, porque só as crianças conseguem espelhar a vida no seu olhar”. Respeitando as múltiplas culturas e o ser infante que nelas reside.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 1975.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DORNELLES, Leni Viera. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. 2ª Edição, Petropolis – RJ: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- GARDNER, Howard. A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

JOBIM e SOUZA, Solange. Infância e linguagem: Bakhtin, Vygostsky e Benjamin. Campinas: Papirus, 1995.

KETZER, Solange Medina. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOBY, Sissa (Org). A criança e a produção cultural: do brinquedo a literatura. Porto Alegre – RS: Mercado Aberto, 2003.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5ª edição. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2010.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHOLLOE, Joe L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHOLLOE, Joe L. (org). Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Tradução de George Eduardo Japiassu Bricio. 2ª Edição: Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2004.

VITÓRIA, Maria I. Côrte. O brinquedo e a brincadeira: uma relação marcada pelas práticas sociais. In: JACOBY, Sissa (Org). A criança e a produção cultural: do brinquedo a literatura. Porto Alegre – RS: Mercado Aberto, 2003.
